

Formação na escola | ciclo 1

Atividades Habituais em Língua Portuguesa

Atividades Habituais em Língua Portuguesa

Introdução

A compreensão do sistema de escrita da Língua Portuguesa pelos alunos que se encontram em processo de alfabetização requer que tenham inúmeras oportunidades para refletir sobre a escrita, explicitar o que pensam e confrontar suas ideias com a dos colegas ou com a escrita convencional. Por isso, neste caderno são propostas atividades que envolvem essas ações, planejadas para serem realizadas com frequência na sala de aula, favorecendo, assim, que os alunos construam progressivamente seu conhecimento sobre o que a escrita representa e como se dá essa representação. Incluem-se nessa categoria as três primeiras *Atividades Habituais*: *Leitura e Escrita de Nomes Próprios*; *Leitura e Escrita de Textos Memorizados* e *Leitura Compartilhada*.

Este caderno também traz propostas de atividades habituais relacionadas à formação do leitor, outro âmbito em que a regularidade e a continuidade das oportunidades de aprendizagem oferecidas aos alunos são indispensáveis. São elas o *Clube de Leitura* e *Leitura de Jornal*.

Além da apresentação da proposta e das razões que nos levam a recomendar que sejam regularmente realizadas em sala de aula, oferecemos algumas sugestões de como podem ser introduzidas algumas variações. Elas servem não apenas para que possa haver uma progressão de desafios cognitivos – quando o professor avaliar que é o caso –, mas principalmente para assegurar que sua realização aconteça reiteradas vezes, evitando-se que se torne previsível, desinteressante e pouco produtiva em termos de aprendizagens propiciadas, garantindo o empenho dos alunos. Evidentemente, além das variações sugeridas, outras podem vir a ser planejadas pelo professor.

A realização das *Atividades Habituais* aqui propostas pode ser potencializada sempre que o professor puder articulá-la com um projeto ou uma *Sequência de Atividades* que estiver desenvolvendo com seus alunos. Isso ocorre porque cada uma dessas modalidades organizativas do tempo didático favorece e enfatiza determinadas aprendizagens específicas. Assim, a realização concomitante de duas ou mesmo três delas em sala de aula resulta em um leque de aprendizagens diversificadas e complementares, como se pode ver nos objetivos correspondentes às propostas de trabalho que são apresentadas no seguinte exemplo:

Projeto Museu	Sequência de Atividade Leituras de <i>A Bela Ador- mecida</i>	Atividades Habituais Leitura e Escrita de Nomes Próprios
<p>Familiarizar-se com biografias de pessoas significativas e apreciar os valores e sentimentos que guiaram ou guiam suas vidas, formar-se como leitor cada vez mais hábil de textos biográficos, conhecendo a função desses textos e sua estrutura narrativa.</p> <p>Produzir coletivamente textos biográficos, considerando os aspectos que caracterizam esse tipo de texto.</p> <p>Escrever textos de referência que acompanham peças do acervo do museu, bem como o folheto da exposição, considerando as diferentes maneiras de relacionar texto, imagem e objeto.</p> <p>Realizar entrevistas com o propósito de obter informações.</p>	<p>Interessar-se em ouvir histórias, manifestando sentimentos, experiências, ideias e opiniões em situações de leitura pelo professor.</p> <p>Opinar sobre o que foi lido e acolher a opiniões dos colegas.</p> <p>Compartilhar com outros os efeitos que os textos produzem.</p> <p>Confrontar interpretações e pontos de vista.</p> <p>Relacionar o conteúdo de um texto com os de outros conhecidos.</p> <p>Apreciar a linguagem típica de narrativas literárias, reparando na beleza de certas expressões ou de fragmentos de um texto.</p> <p>Reconhecer a presença ou referências de um texto dentro de outros textos – intertextualidade.</p>	<p>Considerar que a quantidade de letras e a ordem em que devem ser escritas para grafar determinada palavra não são aleatórias.</p> <p>Compreender que o início de um nome escrito tem relação com o começo do nome falado e que as outras partes do nome, o meio e o fim, também se relacionam.</p> <p>Ler, utilizando indícios gráficos, como o tamanho do nome, a referência da letra inicial, da letra final ou de outras que estejam no meio dos nomes.</p> <p>Estabelecer relações entre parte/todo: letras/sílabas/nome.</p> <p>Conhecer o valor sonoro convencional das letras.</p> <p>Usar os nomes conhecidos como referência para a escrita de outras palavras.</p>

Atividades Habituais em Língua Portuguesa

- 8 leitura e escrita de nomes próprios
- 16 leitura e escrita de texto memorizado
- 24 leitura compartilhada
- 32 clube de leitura
- 38 leitura de jornal

leitura e escrita de nomes próprios

Apresentação

Quer pelas funções que desempenham, quer pelo interesse que suscitam ou, ainda, pela função que cumprem na aprendizagem do sistema de escrita, o trabalho com os nomes próprios é muito importante na etapa da alfabetização. Aqui apresentamos um conjunto de atividades de leitura e escrita envolvendo a lista de nomes dos alunos da classe para serem realizadas no dia a dia da sala de aula, bem como sugestões de intervenções que contribuem para enriquecer as aprendizagens a serem proporcionadas aos alunos.

Justificativa

O nome faz parte da identidade da criança e, por esse motivo, carrega um significado muito especial para ela. Geralmente, é a primeira palavra que aprende a escrever convencionalmente, o que pode acontecer desde muito cedo, mesmo que ainda não compreenda o funcionamento de nosso sistema de escrita alfabético.

Depois de escrever seu próprio nome, a criança manifesta curiosidade em relação aos nomes de seus familiares e de outras pessoas próximas e aprende a escrevê-los. Por fim, quando vai para a escola, a partir da ação do professor, presta atenção também aos nomes de seus colegas.

Quanto mais conhecer os nomes dos colegas de turma e à medida que possa identificá-los e reproduzi-los, começa a fazer importantes relações com a escrita de outras palavras. Um bom exemplo é quando diz: “Essa é a letra do meu nome, o M de Marcela”, identificando a letra inicial de outra palavra, como MOCHILA.

O que é importante saber

Os nomes têm muitas funções no ambiente escolar. Veja algumas:

- Autoapresentação – “Meu nome é Bianca e eu sou aluna do 1º ano da professora Marta.”
- Interpelativa, para dirigir-se a outra pessoa – “João, você me empresta o lápis?”
- Pertinência – “O livro é do Pedro.”
- Identificação do destinatário – “Precisamos escrever no envelope o nome da pessoa para quem vamos mandar a carta.”
- Memória – Escrever recados e identificar quem ligou; escrever nomes nos próprios materiais, como pastas, cadernos, estojos.

Seja pelas funções que desempenham, seja pelo interesse que suscitam ou, ainda, pela função que cumprem na aprendizagem do sistema de escrita, o trabalho com os nomes próprios é essencial na etapa da alfabetização porque possibilitará que os alunos usem os conhecimentos relativos a eles para ler e escrever outras palavras.

Orientações

O trabalho com os nomes próprios precisa ser realizado de forma constante e regular, integrando-o à rotina de trabalho com os alunos, de modo a oferecer inúmeras oportunidades e desafios para que eles pensem sobre o que a escrita representa e como se dá essa representação.

No entanto, a maneira de propor aos alunos que leiam e escrevam os nomes dos colegas da turma e o seu próprio pode ter muitas variações, como a leitura de um cartaz com todos os nomes dos alunos da turma; um jogo de cartões com nomes dos colegas – o que permitirá vários tipos de atividade; incluindo jogos, como o jogo de forca.

Leitura de cartaz com os nomes dos alunos

Para iniciar, confeccione e deixe exposto na sala de aula um cartaz com o seu nome e a lista de todos os alunos. O ideal é que essa lista possa ser consultada sempre que for necessário na rotina do trabalho em sala de aula, servindo de referência para situações de leitura e escrita.

Os alunos podem recorrer a essa lista quando precisarem ler ou escrever algo que tenha relação com um dos nomes ali registrados. É o que ocorre quando um deles diz:

“Eu sei que o nome da BIANCA pode me ajudar a escrever BICICLETA.”

Você também pode recorrer à lista quando for escrever alguma palavra na lousa que designe uma atividade da rotina, como:

Roda de leitura

Pergunte aos alunos que letra precisa usar para começar a escrever. Incentive-os a consultar a lista para verificar se o nome de algum colega pode ajudar a escrever RODA, como RODRIGO e DALILA.

Faça algo semelhante quando for escrever LEITURA, levando em conta nomes como LAURA, ou LUIZA:

“Para escrever LU de Luiza, usamos as letras L e U. Para escrever LE, de LEITURA, que letras vocês acham que precisamos?”

Com situações como essas, você leva os alunos a pensarem em como os seus nomes podem ajudar a escrever ou ler outra palavra. Recomende que consultem a lista de nomes da sala para estabelecerem as relações entre palavras e sílabas que conhecem bem com outras que ainda não lhes são tão familiares e que não saberiam ler ou escrever se não pudessem usar esse recurso.

Atenção

Palavras estáveis – São as palavras que as crianças conhecem bem, aquelas que sabem reproduzir convencionalmente (escrever) e identificar (ler), até mesmo antes de compreenderem o princípio alfabético do sistema de escrita, ou seja: sem serem capazes de analisar suas partes.

Leitura de cartões: identificação dos nomes

Confeccione um conjunto de cartões, escrevendo em cada um o nome de uma das crianças da classe. Os cartões devem ser iguais em formato, tamanho e cor, de preferência escritos com letra de imprensa maiúscula, diferenciando-se apenas pelo nome escrito em cada um deles. Eles serão usados em atividade de leitura e escrita de nomes.

Organize as crianças em uma roda e coloque todos os cartões no meio da roda. Peça, então, a cada uma, que encontre o cartão que contém o seu nome. Ajude-a, perguntando:

“O seu nome começa com qual letra? E com qual termina?”

Realize essa atividade com frequência e quando o nome de cada criança se tornar uma escrita estável para ela, diversifique a ação, pedindo que identifiquem o nome de um colega.

“Agora cada um vai encontrar o nome de quem está sentado ao seu lado na roda.”

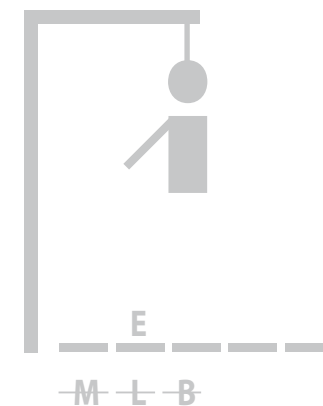
Como anteriormente, para ajudá-los, faça perguntas que explicitem alguns indícios que podem usar para a identificação, como a primeira e a última letra do nome e também algumas de suas letras intermediárias.

Jogo de forca: escrita do nome do ajudante do dia

A brincadeira de forca com os nomes de alunos da classe pode acontecer diariamente. Um dos momentos que pode ser usado para isso é o sorteio do aluno que será o ajudante do dia – a criança encarregada de distribuir materiais aos colegas.

Jogo Forca

Desenhe a estrutura de uma forca na lousa e, ao lado, traços separados que indicam aos jogadores onde devem ser escritas as letras do nome sorteado. As crianças dizem as letras e você as registra nos traços correspondentes às posições que ocupam na palavra. Quando uma letra sugerida não fizer parte do nome sorteado, desenhe uma parte do corpo do enforcado, começando pela cabeça. Os alunos sugerem letras até que descubram ou leiam o nome do aluno, que vai sendo escrito à medida que acertam as letras, ou então até que sejam “enforcados”, o que acontece quando todas as partes do corpo forem desenhadas.



Sorteie um dos cartões com os nomes dos alunos e, para revelar quem foi o sorteado, faça a brincadeira da forca na lousa. Ao colocar os espaços correspondentes a cada letra, você já estará dando uma dica importante sobre a quantidade de letras necessárias para grafar o nome sorteado. Por exemplo:

Se o nome for PEDRO, ao colocar cinco traços na lousa, pergunte aos alunos:

“Quantas letras tem esse nome?”

Depois que responderem, faça nova pergunta:

“Quem no nosso grupo tem um nome que se escreve com cinco letras?”

Sabemos que, para os alunos descobrirem qual dos nomes possíveis foi o sorteado, eles terão de levar em conta não apenas a quantidade, mas também outras características dos nomes que “competem”, ou seja, aqueles que possuem a mesma quantidade de letras, e estabelecer algumas relações entre eles.

Por exemplo: imaginemos que na turma de PEDRO existam outras crianças que também têm nomes com cinco letras: MARIA, MARCO, PAULO e TÂNIA. Assim, não basta considerar a quantidade de letras para saber o que pode ser escrito nos espaços deixados pelo professor. É preciso saber também de quais letras o nome é composto e em que posição elas aparecem. Caso o nome comece pela letra P, ainda podem existir duas alternativas: PEDRO e PAULO. Saber que o nome escolhido termina com O também não é suficiente, nesse caso, para decidir entre os dois possíveis. Porém, se for possível descobrir que a penúltima letra é R, ou mesmo que a segunda letra é E, a resposta pode ser encontrada.

Atenção

Aspectos qualitativos e quantitativos – No início da alfabetização, quando as crianças ainda colocam muitas letras aleatoriamente para escrever uma palavra, é essencial trabalhar aspectos qualitativos e quantitativos: quais letras são necessárias para escrever uma palavra, quantas letras no total e também a ordem em que são usadas. Com isso, os alunos começam a estabelecer relações importantes que os ajudarão na construção dos conhecimentos sobre o sistema de escrita.

A consideração simultânea de aspectos quantitativos e qualitativos pelo aprendiz significa uma condição determinante para aprender a ler e a escrever. A partir de referências do professor, os alunos podem refletir sobre esses aspectos e estabelecer novas relações entre a escrita e o que ela representa – seu conteúdo –, bem como entre a leitura e a escrita.

Leitura de cartões: o nome do aluno sorteado

A situação de sorteio pode gerar mais de uma proposta de leitura. Uma delas consiste em apresentar três cartões aos alunos para que descubram em qual deles está escrito o nome do aluno sorteado.

Para essa atividade, faça o sorteio e diga o nome da criança sorteada. Separe o cartão com esse nome e mais dois. Peça, então, que identifiquem qual dos três cartões tem o nome sorteado. Se a criança sorteada se chamar Mariana, por exemplo, diga seu nome, mostre o cartão correspondente e mais dois, como Ana Luiza e Marina, dizendo:

“Aqui temos os nomes Mariana, Marina e Ana Luiza, qual desses três vocês acham que é o da Mariana?”

Incentive a discussão para que descubram qual dos três nomes escritos é o de Mariana. Nesse momento, é provável que as crianças revelem que levam em conta uma grande diversidade de indícios do texto, tais como:

"Esse cartão é o da Ana Luiza porque tem dois nomes."

"O nome da Mariana é maior que o da Marina, o cartão dela tem mais letras."

"No nome da Mariana tem três As, no da Marina só tem dois."

Promova a discussão sobre o que os alunos dizem, pois isso propicia que pensem e troquem informações sobre aspectos importantes da escrita, como o fato de sempre escrevermos uma palavra da mesma maneira, ou de as letras não serem usadas nem organizadas aleatoriamente.

Leitura de nomes e análise das relações parte e todo

Sorteie o nome de um aluno e o escreva na lousa, pedindo que as crianças o identifiquem:

"Vou escrever o nome sorteado na lousa."

Escreva então a primeira letra do nome sorteado, digamos que tenha sido Natália. Pergunte:

"Quem aqui na sala tem um nome que se inicia com a letra N?"

Algumas crianças poderão responder, principalmente as que têm nomes iniciados por N. Após escutar as possíveis respostas – Natália, Natanael, Norma, Neide –, coloque a segunda letra, A, e pergunte:

"Até agora, o que eu escrevi?"

A partir da resposta NA, pergunte dentre os nomes possíveis – aqueles iniciados por N – quais são os que se iniciam com NA. Continue escrevendo TA e pergunte novamente o que escreveu até o momento e quais são as possibilidades que permanecem – e assim vá até o final da palavra. Quando terminar de escrever NATÁLIA e todos souberem o que está escrito, diga que vai esconder algumas partes do nome (usando um pedaço de papel) e pergunte o que está escrito nas partes que se pode ver. Por exemplo:

N A / / / /

/ / T A / /

/ / / / L I /

/ / / / / A

É dessa forma que, aos poucos, os nomes das crianças da sala se tornam escritas estáveis e poderão servir de referência para outras escritas e para a leitura.

Variações das atividades

Registro escrito dos nomes

Escreva o enunciado abaixo na lousa e peça que os alunos o copiem em seus cadernos:

ESCREVA O NOME DE TRÊS COLEGAS DO NOSSO GRUPO.

Ao escrever, leia para a classe cada palavra que está grafando e, se possível, estabeleça relações entre essas e os nomes de crianças do grupo.

O momento seguinte da atividade é dedicado à escrita pelos alunos dos nomes dos colegas – cada um escolhe o nome que vai escrever. Eventualmente, também poderá desenhar cada um deles.

Identificação de materiais e produções escolares

Outras atividades possíveis relacionam-se com as situações em que é necessário que os alunos registrem seus nomes em seus materiais – cadernos, pastas, lápis, etiquetas, desenhos, produções e tarefas etc. – para que possam identificá-los.

Agenda de telefones dos alunos da turma

Promova a confecção de uma agenda com os telefones dos colegas para cada criança. Antes de iniciar, é recomendável trazer algumas agendas telefônicas para apresentar aos alunos como exemplo, explicando seu funcionamento e sua utilidade.

Para a confecção da agenda, peça que cada aluno traga anotado de casa seu telefone de contato. Prepare um caderninho para cada um, o que pode ser feito em papel sulfite, com 26 páginas – uma para cada letra do alfabeto. Proponha que, pouco a pouco, escrevam nomes e outras informações sobre os colegas nessa agenda.

No momento em que a agenda estiver sendo preenchida será necessário colocar em discussão uma característica desse tipo de objeto portador da escrita: a organização das informações por ordem alfabética. Nesse caso, a ordem alfabética se refere à primeira letra do primeiro nome das crianças que integram o grupo.

Elas devem ser orientadas a localizar na página correspondente a letra inicial de cada nome, para que possam registrar os nomes dos colegas nos locais adequados e, depois, localizá-los mais facilmente quando forem fazer uso do material.

Essa atividade tem um propósito social importante: possibilitar que as crianças se comuniquem fora da escola. Além disso, propicia muitas aprendizagens, como fazer uso de conhecimentos sobre as letras e o alfabeto para organizar os nomes em ordem alfabética; encontrar nomes a partir de indícios do texto, como a primeira letra; bem como aprender os nomes e a forma gráfica de cada letra.

Leitura de lista de nomes

Providencie uma cópia da lista dos nomes dos alunos da turma para cada criança – algo que poderá ser usado em várias atividades.

Peça que destaquem somente os nomes das meninas ou dos meninos.

Proponha que localizem alguns nomes, escolhendo aqueles que possam oferecer desafios. Exemplos:

- Encontrar o nome da SOFIA, que se inicia por S, sendo que na lista há outros dois com a mesma característica: SÉRGIO E SOLANGE.
- Encontrar o nome de um colega terminado por DO, como NIVALDO, sendo que na turma há outros três com a mesma sílaba final – RICARDO, EDUARDO, JOSENILDO.

Você também pode acrescentar outros nomes na lista, como os de crianças que não fazem parte daquele grupo, e pedir que marquem apenas os nomes dos que são do grupo.

Rimas com os nomes

A partir da leitura do livro *Você Troca?*, de Eva Furnari (Editora Moderna), é possível realizar uma atividade em que as crianças criam rimas com seus nomes. Nesse livro, as rimas não contêm nomes, mas são feitas com outras palavras:

“Você troca um leão sem dente por um dragão obediente?”

No entanto, é importante para a reflexão a observação de que as palavras que rimam terminam com o mesmo som, que pode ou não ser representado da mesma forma escrita nas duas palavras, como em: dente/obediente; Daniel/chapéu.

Inicie a brincadeira fazendo uma rima com seu próprio nome:

“Você troca a Renata por um saco de batata?”

Depois, peça que cada criança crie uma rima com seu próprio nome e com o de um colega. Registre todas as rimas faladas. Provavelmente, não será possível concluir todas as rimas em apenas uma aula, podendo dar continuidade no dia seguinte, ou assim que possível. É importante deixar esse registro em um mural ao alcance das crianças, para que consultem sempre que desejarem. Como são rimas curtas, poderão ser memorizadas facilmente e utilizadas em futuras atividades de escrita e de leitura. Por exemplo:

“AQUI ESTÃO ESCRITAS TRÊS RIMAS COM NOMES DE PESSOAS DESTE GRUPO. ENCONTRE OS NOMES E CIRCULE-OS.”

Ou:

“ESCREVA A RIMA QUE CONTÉM O SEU NOME.”

Intervenções possíveis

Indícios – Problematize a identificação de um nome, questionando os indícios usados para ler:

Como você descobriu?

Como começa?

Como termina?

Que letra tem?

Referências – Incentive o uso dos nomes das crianças como referência para ler ou escrever outras palavras:

Tem algum nome da turma que pode ajudar a ler/escrever essa palavra?

Relações – Fazer com que os alunos relacionem os fragmentos da palavra falada com os fragmentos da palavra escrita. Por exemplo:

Onde está escrito JOÃO em JOÃO PEDRO?

Ou, ainda, sílabas escritas e sílabas pronunciadas.

Onde está escrita a parte LI em CARMELITA?

Verificações – Propor que as crianças façam verificações do que supõem que está escrito quando se encontram em situações de leitura e ainda não são capazes de ler convencionalmente. Exemplos:

No nome do PEDRO tem a letra A? Pode estar escrito PEDRO em PAULO?

Nessa lista tem três nomes que começam com a letra A, como você sabe que este que está me mostrando é o do ADAILTON?

Aprendizagem esperada

Espera-se que o aluno:

- Considere que a qualidade, a quantidade e a ordem das letras usadas para grafar determinada palavra não são aleatórias.
- Compreenda que a escrita de um nome escrito tem relação com o nome falado.
- Leia utilizando indícios gráficos, como o tamanho do nome, a referência da letra inicial, da final ou das que estão no meio dos nomes.
- Estabeleça relações entre parte e todo: letras/sílabas/palavras.
- Conheça o valor sonoro convencional das letras.
- Use os nomes conhecidos como referência para a escrita de outras palavras.

leitura e escrita de texto memorizado

Apresentação

O trabalho em sala de aula com textos já memorizados pelas crianças oferece excelentes oportunidades de aprendizado e a possibilidade de leitura, mesmo para as que ainda não leem nem escrevem convencionalmente.

Ao procurarem ler por si mesmos um texto que já sabem “o que diz”, os alunos enfrentarão o problema de saber onde está escrita cada uma das partes que já conhecem e sabem que estão escritas, lançando mão de vários indícios para identificá-las. Nessa busca pela correspondência entre o que sabem estar escrito e cada uma das partes do texto, terão oportunidade de refletir sobre o sistema de escrita, explicitar o que pensam e confrontar suas ideias, quer seja com os colegas, quer seja com a escrita convencional. Aqui apresentamos um conjunto de sugestões de encaminhamentos que ajudam o professor a explorar essa atividade, bem como possíveis intervenções para enriquecer situações didáticas específicas.

Justificativa

Quando as crianças têm oportunidades variadas de entrar em contato com textos por meio de leitura feita pelo professor, é provável que alguns deles sejam memorizados, dependendo de sua organização e de seu uso em sala de aula. Isso abre a possibilidade de propostas de trabalho muito interessantes para que o aluno leia por si mesmo, mesmo antes de saber ler convencionalmente.

Ao procurarem ler por si mesmos um texto já memorizado, os alunos enfrentarão o problema de saber onde está escrita cada uma das partes que já sabem que estão escritas, buscando a correspondência entre o conteúdo que conhecem e a escrita propriamente. Esse desafio é especialmente produtivo para crianças que ainda não sabem ler convencionalmente, pois, enquanto se dedicam a realizar a leitura, procuram acomodar o que pensam que está escrito com as marcas no papel (as letras), de maneira que não sobrem ou falem partes sem interpretar.

Essa atividade propicia um interessante jogo no qual as crianças relacionam informações que o texto escrito fornece – como letras, espaços entre palavras e outras formas gráficas próprias da escrita – e o conhecimento que têm do texto memorizado. O propósito didático desse trabalho é fazer com que os alunos aprendam a ler por si mesmos, pois favorece a ampliação de seus conhecimentos sobre o sistema de escrita e dos procedimentos utilizados pelos leitores para enfrentarem a leitura.

Hipóteses e verificações

Uma vez que já tiveram a oportunidade de interagir com determinado texto por meio da leitura de outra pessoa, as crianças criam hipóteses sobre o que pode estar escrito nele. Sabem, por exemplo, que a palavra LOBO está escrita em diversos fragmentos da história *Chapeuzinho Vermelho*, pois ouviram a professora dizê-la várias vezes enquanto lia o texto em voz alta. Isso não quer dizer que possam ler sozinhas o conto, mas sim que, por terem vários conhecimentos sobre o que está escrito, têm condições de prever o que pode “estar dito” em cada parte.

É por isso que uma atividade de leitura de um texto já conhecido pode contribuir para que os alunos aprendam a ler. Sem um conhecimento prévio do texto, contariam apenas com a informação vinda de sua leitura letra por letra, ou seja, estariam restritos à decifração, um tipo de leitura bastante limitada e insuficiente para assegurar a compreensão do texto lido.

O conhecimento de cada uma das palavras do texto previamente memorizado permite que as crianças façam antecipações, ou seja, que imaginem que determinada palavra corresponda a determinado fragmento escrito. Elas também poderão verificar suas antecipações, confirmando ou não se a palavra realmente corresponde ao fragmento que imaginou, observando, por exemplo, sua letra inicial ou final. Antecipar e verificar o que está escrito são procedimentos de que os leitores experientes lançam mão para ler, pois tornam a leitura mais ágil e eficiente, ou seja, mais comprometida com a construção de significados.

Essa proposta favorece a ampliação de conhecimentos das crianças que ainda não leem convencionalmente, pois, na busca pela correspondência entre o que dizem em voz alta e o que está escrito, colocam em jogo o que sabem sobre o sistema de escrita alfabético. Mas também ajuda aquelas que já o fazem, pois terão a chance de observar aspectos da escrita relacionados às convenções ortográficas, à pontuação e à separação entre palavras.

O que é importante saber

Alguns tipos de texto são mais indicados para essas atividades em função da facilidade com que são memorizados. Os textos organizados em versos cumprem essa função, já que cada palavra tem um papel preciso, não apenas para que se consiga comunicar determinado significado, mas para que se obtenha o efeito poético. Neles, a combinação de sons e ritmos dos versos e estrofes, paralelamente às imagens criadas, compõe o seu sentido. O trava-línguas, por exemplo, deve repetir sempre as mesmas palavras, que não podem ser substituídas por outras, mesmo que tenham o mesmo significado, pois a graça está na repetição de sons e no significado que resulta da junção das palavras.

Algumas histórias com partes que se repetem também são adequadas. Podem ser contos que se organizam pela repetição, os chamados contos acumulativos, “circulares”, “lenga-lengas” ou cujo enredo envolve a repetição de um conteúdo e da fala de alguma personagem, como ocorre em *Os Três Porquinhos*. Em outras histórias, determinadas passagens são tão emblemáticas que ganham destaque especial, como ocorre no famoso diálogo entre o Lobo e Chapeuzinho, quando ele está disfarçado de Avó, prestes a atacar a menininha. A memorização do texto integral do conto é mais difícil, mas algumas falas de personagens podem chamar a atenção a ponto de tornarem-se, também, textos memorizados pelos alunos.

Escolher textos literários variados e de qualidade, incluindo aqueles que fazem parte do repertório de textos tradicionais voltados para a infância, como as parlendas, os trava-línguas e as adivinhas, tem o objetivo de enriquecer o repertório de gêneros textuais conhecidos pelos alunos. Se esses textos também tiverem trechos repetidos, ou forem organizados em versos ou, ainda, permitirem brincadeiras sonoras, sua leitura pelo professor também dará ensejo a diversas atividades de leitura pelo aluno, pela facilidade de serem memorizados.

É importante frisar que a memorização do texto não se dá como um objetivo explícito. Os alunos não os memorizam mecanicamente, mas por motivos variados: porque são textos cuja repetição é prazerosa; faz sentido ouvi-los e recitá-los mais de uma vez; ou se realiza uma brincadeira em que uma parlenda é recitada; é divertido cantar uma cantiga junto com os colegas; é um poema que encanta todas as vezes que é lido e relido; porque todas as vezes que a professora repete determinada história, as crianças ficam ansiosas para chegar o momento em que possam dizer, em coro, a fala de uma das personagens.

A escolha do texto propício à memorização e sua leitura em voz alta, pelo professor, nas várias situações em que a repetição faça sentido, são condições didáticas prévias para que a atividade de leitura de um texto memorizado seja realmente produtiva.

Textos que já estejam previstos para o trabalho com os alunos, no contexto da realização de um projeto didático, principalmente, são indicados para a atividade habitual aqui proposta.

Orientações

Como atividade habitual, a leitura de um texto memorizado tem espaço fixo na rotina semanal ou quinzenal. A atividade repete-se em vários aspectos: o texto que será proposto para leitura deve ter sido previamente conhecido, apreciado e comentado, a partir da leitura realizada pelo professor. Para que as crianças conheçam o texto a ponto de sabê-lo de memória, é preciso que tenham vários momentos de contato com ele.

O texto escolhido para ser lido pelos alunos deve fazer parte do repertório de cantigas, parlendas ou poemas conhecidos, ou ser o trecho de um conto repetido diversas vezes ou, ainda, referir-se às falas de personagens muito apreciadas pelas crianças.

Como o foco da atividade é o texto, seu manuseio e sua leitura pelos alunos são importantes, de modo que todos devem ter contato direto com um exemplar da obra que o contém – um por dupla ou por quarteto. Se houver a possibilidade de projetar o texto na lousa ou na parede – e essa for a sua opção –, os alunos deverão estar sentados de frente para a projeção.

Como exemplo para essa atividade, será proposta a leitura de um trecho do conto Chapeuzinho Vermelho, no momento do diálogo entre a menina e o Lobo que, deitado na cama e disfarçado de Avó, se prepara para dar o bote e devorá-la. No entanto, sua escolha só será possível na situação real da sala de aula se a história já for bem conhecida pelo grupo por meio de leitura feita pelo professor em diferentes ocasiões, a ponto de as crianças conhecerem o trecho em questão de memória (*Histórias da Carochinha*, organizado por Lenice Bueno da Silva, Editora Ática, 1996, págs. 10 e 11).

Trecho memorizado

A Vovó estava com uma aparência muito estranha, com a touca cobrindo-lhe o rosto inteiro. E tinha as orelhas tão grandes que a menina se assustou:

— Nossa, Vovó! Que orelhas grandes a senhora tem!

— São para melhor ouvir você, minha netinha! — respondeu o Lobo, disfarçando a voz.

— Oh, Vovó! E que olhos grandes a senhora tem!

— São para vê-la melhor, minha netinha!

— E essas mãos enormes?

— São para agarrar você, minha netinha!

— Ai, Vovó! — disse Chapeuzinho Vermelho, assustada — E que boca medonha a senhora tem!

— É para melhor devorá-la! — disse o Lobo, saltando sobre a menina e engolindo-a de uma vez.

Leitura de uma história conhecida

Antes de orientar os alunos a realizarem a leitura do trecho memorizado, é importante reler a história mais uma vez, até chegar ao referido trecho.

Num primeiro momento, você pode mostrar nos livros, nas cópias ou no trecho projetado os sinais de pontuação que indicam o início e o fim de cada fala e ir assinalando onde está escrito o que cada personagem diz. Exemplo:

Aponte para uma frase e diga: “Vou ler o que está escrito aqui” – e leia a primeira fala da *Chapeuzinho Vermelho*:

— Nossa, Vovó! Que orelhas grandes a senhora tem!

Em seguida, avise, apontando a frase seguinte: “Agora lerei este trecho” – e leia a primeira resposta do Lobo:

— São para melhor ouvir você, minha netinha! — respondeu o Lobo, disfarçando a voz.

Discuta com os alunos sobre o significado dos travessões, que têm a função de indicar as falas de cada personagem. Eles podem apresentar várias tentativas de resposta e, independentemente de estarem corretas ou não, o interessante é retomar o texto para avaliar sua pertinência. Esse encaminhamento permite que conheçam uma marca gráfica diferente das letras e não associada a aspectos sonoros, que oferece indícios que facilitam sua orientação na leitura do texto, pois indicam o início de cada fala. Continue a mostrar cada frase que vai ler, até completar todo o trecho.

Leitura em grupo

Depois desse novo contato com o texto, os alunos devem ler o texto em duplas ou quartetos, procurando estabelecer a correspondência entre o que sabem estar escrito e cada uma das partes escritas. Para isso, é importante que discutam entre si e descubram que parte do texto escrito corresponde a cada parte do texto que sabem de memória.

Deve-se salientar que, aqui, a divisão em palavras não é um apoio útil para os alunos, pois, como a fala é contínua, ou seja, não se fazem intervalos na fala para marcar cada palavra, o conceito de palavra pode ainda não ser dominado.

Por isso, não adianta orientar as crianças a utilizarem os espaços entre as palavras como indício para ajudá-las na busca da correspondência entre o que se diz e o que está escrito.

Enquanto os alunos se dedicam à atividade, circule entre as mesas, orientando-os e ajudando-os a utilizar outros conhecimentos, além do que sabem sobre o texto. Você pode, por exemplo, ajudá-los a retomar os nomes dos colegas da classe para analisar o som que pode ser associado a cada uma das letras ou sílabas, quando houver dúvidas se determinado trecho do diálogo corresponde a determinado fragmento escrito.

Situações possíveis

Faltam letras – Num grupo, as crianças passam rapidamente o dedo pelo texto escrito enquanto recitam o trecho em voz alta. Quando chegam ao fim da primeira fala de Chapeuzinho, seus dedos já estão no fim do texto. Diante dessa situação, você pode comentar: “As letras já se acabaram e vocês ainda estão no começo da conversa...”.

Para ajudá-las, você pode retomar a conversa sobre os sinais de travessão, que indicam as falas da Chapeuzinho e do Lobo. Apontando para os sinais gráficos no texto, comente: “Aqui começa aquilo que Chapeuzinho diz ao Lobo no início da conversa. Essa fala termina aqui (indicando a exclamação usada no final da primeira fala da menina). O que estará escrito aqui, então?”

Como o trecho está memorizado, com certeza as crianças se lembrarão da primeira fala: *Nossa, Vovó! Que orelhas grandes a senhora tem!*

Nesse momento, é importante confirmar suas hipóteses e pedir que procurem ficar atentas aos sinais que indicam o início e o fim das falas. Após certificar-se de que compreenderam essa intervenção, é interessante deixar o grupo trabalhar de forma mais autônoma, para poder acompanhar a leitura feita por outras crianças.

Identificação de palavras – Um grupo de criança procura observar a pontuação, mas, ainda assim, ao passar rapidamente o dedo pelo texto, as letras terminam bem antes de acabarem de verbalizar a fala de Chapeuzinho. Uma intervenção possível nesse momento seria dizer: “Vamos pensar um pouco em cada parte: como se inicia a palavra VOVÓ? E como termina? Que parte do texto, logo no início, se inicia por essa letra? Será que aqui está escrito VOVÓ (quando os alunos identificam a letra V no início da segunda palavra)? Onde será que termina essa palavra?”

Ao fazer isso, você propicia que os alunos parem de considerar o texto como uma unidade, tratada globalmente, para observarem mais detidamente as características de cada parte, especialmente os espaços entre palavras e suas letras iniciais e finais.

Depois de as crianças identificarem a palavra VOVÓ na primeira fala, é interessante propor que encontrem a mesma palavra na fala seguinte da menina. Nesse caso, aponte e leia a frase:

— *Oh, Vovó! E que olhos grandes a senhora tem!*

E pergunte: “Onde está escrita a palavra VOVÓ novamente?”

Como as crianças já conseguiram localizar a palavra na primeira fala, terão condições de encontrá-la novamente, usando como indício a repetição das letras na mesma ordem.

Sobram letras – Em grupos compostos por crianças que já associam cada letra a uma sílaba oral pode ocorrer algo diverso do que foi citado nos exemplos anteriores: em vez de chegarem ao fim do trecho muito rapidamente, as letras sobram. Também aqui é importante que você ajude-as a relacionarem o conhecimento que têm do texto com o que conhecem das letras, propondo que busquem indícios no texto que permitam localizar algumas palavras.

Exemplo: os alunos estão lendo corretamente o trecho referente à primeira resposta do Lobo – *São para melhor ouvir você, minha netinha!*

No entanto, como associam cada letra com uma sílaba oral, quando chegam ao meio da palavra MELHOR, acham que ali deve estar escrito MINHA NETINHA.

São para melhor ouvir você, minha netinha

↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
ra ou mi nha
pa me vir cê nha ti
são lhor vo ne

Para que possam se situar, proponha que reflitam sobre a letra inicial e final de MINHA NETINHA. Mesmo que haja coincidência com a letra inicial da palavra que estão apontando, MELHOR, esta não termina em A. Eles terão de explorar outras palavras do trecho e, possivelmente, observarão MINHA. Nesse momento, é interessante confirmar que ali está escrita a palavra MINHA e que, em seguida, poderão ler NETINHA. Leia vagarosamente (sem silabar), apontando para cada uma dessas palavras para que observem outros indícios para realizar sua própria leitura.

Separação das falas – Para complementar as intervenções realizadas nessa segunda parte da aula, é interessante propor que identifiquem, separando, as falas de Chapeuzinho e as do Lobo. Para isso, você pode sugerir que as falas sejam grifadas com lápis de cores claras, para não cobrir o que está escrito, mas diferentes para cada uma das personagens.

Peça, então, que os alunos repitam as falas, enquanto você chama a atenção para o fato de que as duas terminam sempre com as mesmas palavras: as de Chapeuzinho, com A SENHORA TEM; as do Lobo, com MINHA NETINHA. Aproveitando esse fato, solicite que localizem essas palavras repetidas no texto escrito.

Para realizarem essa tarefa, os alunos podem se apoiar na sequência de letras que se repete no final das falas de Chapeuzinho para deduzir que ali deve estar escrito A SENHORA TEM. Da mesma forma, podem identificar no fim das falas do Lobo as palavras MINHA NETINHA.

No fim da aula, é interessante fazer uma leitura dramatizada, apontando cada palavra lida, e com os alunos seguindo sua leitura. Metade da classe verbaliza a fala da Chapeuzinho e a outra metade se encarrega de ler as falas do Lobo.

Variações da atividade

Localização de palavras

Além de propor a leitura, procurando fazer a correspondência entre o que se diz em voz alta e os fragmentos escritos, você também pode pedir às crianças para que localizem determinadas palavras em um trecho do texto que já esteja memorizado.

Se você contar com vários exemplares do livro na sala, será preciso ajudar os alunos a localizarem o momento da história em que o trecho aparece. Eles podem se guiar pelas ilustrações, ou acompanhar sua leitura. Enquanto estiver lendo a história em voz alta, vá indicando os momentos em que muda de página ou em que se inicia uma nova parte do conto. Assim, acompanhando sua leitura, poderão identificar quando se inicia o trecho repetido que já está memorizado. Chegando à página, indique a localização exata do trecho, sem, no entanto, dizer “o que diz” cada palavra.

Se você não contar com um número suficiente de exemplares do livro, pode copiar somente a página correspondente e indicar aos alunos onde se encontra o trecho memorizado. Localizada a parte em questão, proponha que circulem algumas palavras. Exemplo: no trecho de *Os Três Porquinhos*, em que o Lobo diz:

Então vou bufar e assoprar até as casas derrubar.

Você pode propor aos alunos que localizem algumas palavras - no caso, SOPRAR, BUFAR, CASAS – e as circulem ou as escrevam em outra folha, como se fosse um ditado em que podem consultar o trecho memorizado para saber como escrever.

De maneira semelhante, você pode pedir que os alunos escolham palavras que já conseguem ler no trecho citado. Nesse caso, eles devem ler o texto vagarosamente para identificá-las, contando para isso com seu conhecimento das letras e com o que sabem do texto.

Todas as vezes que os alunos citarem palavras que conseguem reconhecer no texto, peça que justifiquem, fazendo perguntas do tipo: “Como você sabe que aí está escrita essa palavra?” ou “Como você fez para descobrir que aí está escrita essa palavra?”

Última palavra lida

Ao trabalhar com um texto memorizado, outra atividade interessante é propor que todos acompanhem em suas cópias sua leitura em voz alta do trecho memorizado. Em determinado momento, interrompa a leitura e peça que todos apontem para a palavra em que pararam. Os alunos podem apontar diferentes palavras e a classe deve discutir qual delas corresponde à última palavra que você leu. Para descobrirem isso, os alunos podem apoiar-se na primeira ou na última letra da palavra mencionada ou em outros indícios que ajudem a verificar a qual palavra escrita corresponde aquela que é buscada.

Para que essa atividade seja bem aproveitada, é interessante que além do acesso direto ao texto por meio de cópias ou de vários exemplares do livro, você possa projetar o trecho lido, por meio de retroprojektor ou do data-show. Assim, além de acompanharem a leitura em seus exemplares ou nas cópias, eles poderão discutir com os colegas as palavras em questão, todos olhando para o mesmo trecho do texto projetado.

Leitura por si mesmos

Proponha que os alunos leiam o texto por si mesmos para conhecerem o que diz e também para que tenham contato com sua escrita.

Texto ditado

Em outro momento, proponha que eles ditem o texto memorizado para você. Nesse caso, eles não terão uma cópia para se apoiar, mas apenas a memória. Essa atividade é importante para que se apropriem do procedimento de ditar, que é diferente de dizer ou recitar. Ao ditarem, eles precisam dizer o texto lentamente, de acordo com o ritmo de quem está escrevendo. Ao fazerem isso, também terão a oportunidade de observar o texto ser escrito pouco a pouco, à medida que vão ditando e você for escrevendo, o que favorece o estabelecimento de relações entre o que se diz e o que está sendo escrito.

Escrita do texto memorizado

Depois de as crianças terem tentado ler o texto por si mesmas, aproveite o conhecimento que elas já têm para propor que o escrevam. Nesse caso, terão que colocar em jogo seus conhecimentos sobre o sistema de escrita. Como elas já têm o texto de memória, poderão se ocupar de pensar nas letras que utilizarão, quantas, em que ordem e em recuperar o que já escreveram, pensando no que ainda falta e reajustar.

Intervenções possíveis

Comparações – Proponha que os alunos comparem o que dizem com a palavra escrita que apontam, fazendo perguntas como: “Nessa palavra que você aponta pode estar escrito isso que você acabou de dizer?” ou “Você acabou de dizer a palavra... Com que letra ela pode se iniciar? A palavra que você está apontando pode ser essa?”

Palavras estáveis – Remeta a criança para outras palavras cujas grafias sejam conhecidas e que tenham semelhanças com aquela que indicaram como sendo a que disseram em voz alta. Ao fazer isso, estará propiciando que os conhecimentos sobre palavras estáveis – nomes dos colegas, por exemplo – interajam com aqueles que estão sendo colocados em jogo no momento de fazer a correspondência entre o que se sabe que está escrito e o texto propriamente.

Palavra por palavra – Leia um texto junto com os alunos, apontando cada palavra lida, para que tenham referências de onde está escrita cada uma das partes ditas em voz alta. Nessa atividade, é importante que os alunos trabalhem com uma cópia do texto, a qual pode ser projetada por meio de retroprojektor ou data-show, ou copiada em um cartaz – o importante é que sejam iguais, com a mesma diagramação, para que as palavras estejam no mesmo lugar.

Aprendizagem esperada

Espera-se que o aluno:

- Leia por si mesmo, mesmo quando não souber ler convencionalmente.
- Faça as correspondências entre aquilo que sabe que está escrito (o conteúdo do texto) e o que de fato está escrito.
- Utilize os conhecimentos do texto memorizado para buscar regularidade no texto escrito, como localizar no escrito palavras que se repetem no memorizado. O aluno que não lê convencionalmente pode basear-se na repetição das letras na mesma ordem para identificar palavras iguais.
- Use alguns procedimentos de leitura típicos de leitores mais experientes, como a antecipação do que pode estar escrito no texto e a verificação posterior.
- Utilize indícios gráficos, como sinais de pontuação e repetições de palavras, para se localizar no texto, antecipar ou verificar o seu conteúdo.
- Utilize indícios quantitativos e qualitativos do texto para fazer antecipações e verificá-las.

Bibliografia sugerida

Contos de acúmulo

O Caso do Bolinho, recontado por Tatiana Belinky. São Paulo: Editora Moderna.

“O Macaco e a Banana”, Heloisa Prieto, no livro *Lá Vem História*. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas.

Qual o Sabor da Lua? Michael Grejniec. São Paulo: Editora Brinque Book.

O Grande Rabanete, Tatiana Belinky. São Paulo: Editora Moderna.

Livros com repetições

Bruxa, Bruxa, Venha à minha Festa, Arden Bruce. São Paulo: Editora Brinque Book.

O Rei Bigodeira e sua Banheira, Audrey e Don Wood. São Paulo: Editora Ática.

Grúfalo, Julia Donaldson e Axel Scheffler. São Paulo: Editora Brinque Book.

Livros com versos e rimas

Não Confunda, Eva Furnari. São Paulo: Editora Moderna.

Você Troca?, Eva Furnari. São Paulo: Editora Moderna.

Outras Duas Dúzias de Coisinhas à Toa que Deixam a Gente Feliz, Otávio Roth. São Paulo: Editora Ática.

Livros de poemas

A Arca de Noé, Vinícius de Moraes. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Olha o Bicho – Poemas para Brincar, José Paulo Paes. São Paulo: Editora Ática.

Quem É Quem, Lalau. São Paulo: São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Ou isso ou aquilo, Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Pé de Sapo e Sapato de Pato, Bartolomeu Campos de Queirós. São Paulo: Editora do Brasil.

Livros de parlendas, trava-línguas e adivinhas

Salada, Saladinha (parlendas).

Enrosca e Desenrosca (trava-línguas e adivinhas).

“Era uma Vez Três” (lenga-lengas e histórias que não têm fim); Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, Coleção

Na Panela de Mingau. São Paulo: Editora Moderna.

leitura compartilhada

Apresentação

Esta proposta tem como foco fazer da leitura compartilhada uma atividade habitual em sala de aula. Chamamos de leitura compartilhada aquela em que os alunos acompanham a leitura feita pelo professor, localizando no texto aquilo está sendo lido. Ao fazerem isso, vão se apropriando dos procedimentos de leitura e, ao mesmo tempo, podem observar vários aspectos da escrita, como o valor sonoro das letras ou das sílabas, e identificar palavras.

Esta proposta inclui um roteiro de ações a serem desenvolvidas passo a passo em sala de aula, que pode ser adaptado para diferentes textos, potencializando a atividade de leitura compartilhada. São apresentadas algumas variações para a atividade e sugeridas intervenções possíveis para o professor em situações específicas.

Justificativa

Possibilitar que as crianças se apropriem da leitura por meio de diferentes propostas contribui para que construam conhecimentos variados sobre a Língua Portuguesa a cada nova situação. A atividade de leitura compartilhada consiste em propor aos alunos que acompanhem e participem da leitura de um texto conhecido. Eles podem fazer a leitura com o texto em mãos ou em duplas, dividindo-o com um colega; tendo-o projetado em uma parede, por meio de retroprojektor ou data-show; ou numa cópia ampliada em um cartaz. A leitura compartilhada propicia que as aprendizagens relacionadas ao ato de ler sejam combinadas com a construção de conhecimentos sobre o sistema de escrita.

Ao realizar essa atividade, tanto as crianças que já leem convencionalmente, quanto as que ainda não o fazem, poderão refletir sobre a organização textual e, sobretudo, sobre o sistema de escrita. Enquanto você lê, elas devem acompanhar a leitura, localizando no texto o que você está dizendo. Ao fazerem isso, podem prestar atenção em alguns aspectos da escrita, como as letras ou as sílabas e seus valores sonoros nas palavras que identificam. A leitura compartilhada possibilita às crianças construir algumas aprendizagens que são possíveis somente nas situações em que têm o texto em mãos para acompanhar o que está sendo lido e participarem da leitura, mesmo que ainda não saibam ler convencionalmente.

Esse tipo de proposta comporta diversos objetivos, cada um deles com um ou mais encaminhamentos adequados. No caso de que trataremos, as crianças poderão aprender mais sobre o sistema de escrita.

O que é importante saber

Alguns tipos de texto cumprem melhor o objetivo de favorecer que as crianças leiam mesmo sem saber ler convencionalmente ou, as que já o fazem, possam atentar para aspectos como a ortografia e a pontuação. Histórias que têm partes que se repetem; histórias acumulativas; histórias curtas, como as fábulas; textos que brincam com as palavras, como poesias e quadrinhas, favorecem a compreensão e também são mais fáceis de ser memorizados pelas crianças, o que lhes possibilita participar da situação de leitura de maneira cada vez mais ativa.

Histórias acumulativas

Estruturadas com base numa forma fixa que se repete, essas histórias começam com um evento inicial que desencadeia a narrativa a partir do qual, as ações se repetem por acumulação. O conto popular brasileiro *O Macaco e a Banana*, recolhido por Câmara Cascudo, é um bom exemplo. O macaco deixa cair uma banana dentro do tronco da árvore e pede ao tronco que a devolva. Como o tronco não devolve a banana, o macaco vai falar com o lenhador. Como o lenhador também não resolve, vai falar com o soldado, depois com o rei, a rainha, o rato, o gato, o cachorro, a onça, o caçador e a morte, sucessivamente.

O macaco foi falar com a morte, pra morte ameaçar o caçador, pro caçador perseguir a onça, pra onça correr atrás do cachorro, pro cachorro correr atrás do gato, pro gato correr atrás do rato, pro rato roer a roupa da rainha, pra rainha convencer o rei, pro rei ordenar ao soldado, pro soldado ir prender o lenhador que não queria cortar o tronco para o macaco pegar a banana.

Os livros mais indicados para esse tipo de leitura são aqueles em que as ilustrações têm relação direta com o texto escrito e dão sentido a ele, confirmando-o ou completando-o. Bons exemplos são *A Casa Sonolenta*, *O Rei Bigodeira e sua Banheira*, *Não Confunda*, entre outros que podem ser encontrados no Kit de Alfabetização do *Programa Escola que Vale* (ver Bibliografia sugerida).

O apoio à memorização, favorecida por esses textos nos quais vários termos e orações se repetem ao longo da narrativa, é um ótimo recurso para que leitores em processo de construção da compreensão do sistema de escrita estabeleçam correspondências entre aquilo que sabem estar escrito e a própria escrita. As características do livro, exploradas por suas intervenções, proporcionarão às crianças a possibilidade de ler mesmo antes de terem se tornado leitoras convencionais.

Para isso é importante que você examine com antecedência os textos disponíveis, escolha um e planeje intervenções que favoreçam sua leitura pelas crianças.

Orientações

Por se tratar de uma atividade habitual, a leitura compartilhada deve ser incluída em seu planejamento, garantindo-se assim sua realização rotineira, semanal ou quinzenalmente. Ao fazer essa rotina, considere realizar a leitura compartilhada de um mesmo texto mais de uma vez, com diferentes objetivos, os quais serão mais bem esclarecidos no decorrer desta proposta de trabalho.

Nesta atividade, o foco da atenção das crianças é texto escrito e não você, o professor. Portanto, você não precisará ficar no centro como costuma fazer quando realiza leituras em voz alta aos alunos. Se você trabalhar com um livro ou uma cópia do texto para cada criança ou para cada dupla de crianças, poderá organizá-las sentadas nas mesas, pois dessa forma terão um apoio melhor para o livro ou texto, o que facilitará seu manuseio. Se for lançar mão da estratégia de expor o texto em tamanho grande para todos, por retroprojektor, data-show ou cartaz, organize a turma de frente para o texto, de modo que todas possam acompanhar a leitura e, assim, assumir o lugar de leitores quando solicitadas.

Leitura prévia

Antes do momento da leitura compartilhada, é indispensável que você faça uma leitura prévia, em voz alta. Com isso, garante um primeiro contato dos alunos com o texto para que apreciem a linguagem utilizada e possam conversar sobre o seu conteúdo, construindo uma interpretação para ele. A partir desse vínculo, conhecendo bem a história e tendo comentado tudo o que gostariam a seu respeito, os alunos poderão explorar o texto com maior envolvimento, prestando atenção aos aspectos ligados à sua representação escrita. Além disso, ao ler o texto para os alunos, você assegura que a literatura esteja cumprindo a função para a qual foi produzida: a de ser apreciada pelos leitores, a de levá-los a imaginar mundos possíveis e a divertirem-se. Somente após essa condição ser assegurada, recomendamos que se faça uso dos textos literários com outros propósitos didáticos.

Como em toda leitura, prepare-se previamente, tanto para conhecer a história e suas ilustrações, quanto para identificar com antecedência as principais características da obra selecionada para o trabalho com os alunos. Planeje os melhores momentos para fazer pausas e perguntar a eles o que acham que acontecerá na continuidade da trama; identifique os trechos em que é preciso ler com ênfase, fazendo com que a entonação da voz empreste vida ao texto.

Enquanto estiver lendo para os alunos, proponha que apreciem as imagens e, assim, comecem a perceber alguns pontos importantes que serão aprofundados posteriormente, quando todos estiverem com seus exemplares em mãos. Numa segunda leitura do mesmo texto, aborde os recursos linguísticos utilizados pelo autor, como a repetição ou o acréscimo de trechos, a rima, o uso de adjetivos para dar qualidade a personagens ou ações, entre outros.

Na etapa seguinte, combine com as crianças que lerá o texto outra vez, mas com a ajuda delas. Especifique quais serão as partes lidas por elas e realize a leitura, ajudando-as a acompanharem o texto de modo a que possam localizar a parte que lhes corresponde, quando for seu momento de realizar a leitura.

Texto-modelo

Para desenvolver esta proposta, usaremos o livro *A Casa Sonolenta*, de Don e Audrey Wood, do qual foram selecionados trechos que favorecem a leitura pelo aluno e que podem servir de modelo para você selecionar outros textos para realizar a atividade de leitura compartilhada.

Preparando a classe para a leitura compartilhada

situações didáticas
p. 36

Mostre o livro para os alunos e explique que com sua ajuda eles farão a leitura. Explore sua capa, pergunte se alguém o conhece, se sabem ou adivinham como se chama. Os alunos podem arriscar uma resposta, mesmo que nunca antes tenham visto o livro, baseando-se tanto na ilustração quanto no título escrito, no caso de algumas das palavras já lhes serem familiares, ou, ainda, integrando essas duas informações. Em nosso exemplo, ao verem a imagem de uma casa, podem imaginar que o título contenha essa palavra e confirmarem isso pelos conhecimentos que já construíram sobre o sistema de escrita. Nesse caso, indicariam que CASA deve estar escrito naquele “pedaço” de escrita que termina com A e que começa com a mesma letra de CAROLINA, uma das colegas da classe.

Em seguida, peça aos alunos que observem a imagem que aparece na capa e imaginem o que pode acontecer no conto. Leia o título e pergunte por que será que se trata de uma casa sonolenta. Depois dessa exploração, pergunte onde pode estar escrito o título e o que pode estar escrito em cada “pedaço” dele, apontando para cada palavra. Informe também quem são e onde estão escritos os nomes da autora e do ilustrador.

Primeira página

Leia todo o trecho dessa página, uma ou mais vezes, e tente relacioná-lo com a ilustração – pergunte aos alunos o que estão vendo e por que se diz que todos viviam dormindo, se não aparece ninguém.

Depois da leitura, peça para que tentem ler o que está escrito na primeira linha. Pergunte, então, como fizeram para saber.

Proponha que localizem a palavra CASA. Os alunos podem tentar achá-la por comparação com a palavra que está escrita na capa, embora o tipo de letra seja diferente. Se isso acontecer, é importante chamar-lhes a atenção para a diferença entre as letras de imprensa maiúscula e minúscula. E não deixe de questioná-los, também, por que acham que naquela série de letras se encontra a palavra buscada.

Segunda página

Leia todo o trecho da segunda página e relacione-o com a ilustração. É importante enfatizar a relação entre texto escrito e imagem para que os alunos venham a utilizá-la com autonomia.

Peça aos alunos que identifiquem a quem o texto se refere na frase TODOS VIVIAM DORMINDO.

Depois, releia a primeira e a segunda página e pergunte: “Há trechos que se repetem? Quais? O que aparece de novo?”

Com essa pergunta, espera-se que os alunos comparem diferentes escritas e percebam que há muitas semelhanças e diferenças entre os textos.

Relembre-os de qual foi a palavra usada para qualificar a casa e a cama – CASA SONOLENTA, CAMA ACONCHEGANTE.

Faça uma nova leitura, indicando aos alunos a linha que você está lendo, e proponha que antecipem o que está escrito na última linha – se já tiverem memorizado: ONDE TODOS VIVIAM DORMINDO.

Terceira página

Leia todo o trecho da página três, relacionando-o com a ilustração. De quem fala o texto? Está de acordo com a ilustração? E o que há na ilustração que não é citado no texto?

Esse pedido deve se repetir ao longo da leitura e a expectativa é a de que os alunos percebam que a imagem já antecipa a personagem que será mencionada na página seguinte e que considerem as duas linguagens – imagens e texto escrito – para construírem o sentido do texto.

Releia o trecho da página anterior, enfatizando o que se repete e o que aparece como novidade. Faça novamente uma leitura monitorada de cada linha e, ao final, estimule os alunos a anteciparem o que está escrito na seguinte.

Na leitura da terceira linha – UMA AVÓ RONCANDO –, pergunte se conseguem encontrar a palavra AVÓ e peça que expliquem como fizeram isso.

Espera-se que os alunos justifiquem suas respostas por alguma pista oferecida pelas letras, a inicial ou a final, comparando-as com a letra do nome de algum colega ou de alguma palavra que já saibam escrever.

Siga em frente e pergunte o que poderá estar escrito nas outras palavras dessa mesma linha. Como não sabem ler, as crianças farão essa indicação utilizando diferentes conhecimentos sobre as letras e sobre algumas palavras para localizá-las nessa parte do texto.

Leiam juntos a última linha de modo que os alunos identifiquem cada palavra.

Pergunte: “Como acham que a história continuará?”

Quarta página

Leia toda a página e pergunte: “O que está de acordo com a ilustração? Além do menino, o que mais está diferente em relação à ilustração da página anterior?”

Faça uma segunda leitura, dessa vez linha a linha. Em alguns momentos, deixe que os alunos antecipem o que deve estar escrito – como os trechos finais se repetem, a essa altura eles já podem tê-los memorizados.

Relembre-os que o texto começa falando da casa e depois fala da cama. “E depois? E depois da AVÓ? Onde será que está escrita a palavra MENINO?” Peça que justifiquem as respostas. “O que se fala do menino? Onde será que está escrita a palavra SONHANDO?”

E mais: “Há alguma palavra neste trecho que alguém já saiba ler?”

Provavelmente os alunos já repararam que há trechos repetidos e que em cada página uma nova personagem é acrescentada. Pergunte, favorecendo que observem a ilustração: “De quem se falará na página seguinte?”

Atenção

Antecipar o que acontecerá numa história é uma estratégia de leitura utilizada por leitores experientes, que não leem uma história passivamente, mas arriscam palpites sobre o que acontecerá. Colocar os alunos desde o início nessa posição é fundamental. Mas é preciso cuidado: antecipar não é adivinhar. O texto autoriza algumas antecipações e não outras. No nosso caso, a ilustração dá as pistas e é interessante aprender a usá-las.

Quinta página

Leia todo o trecho dessa página e pergunte: “Qual o novo personagem desta página? Como ele aparece na ilustração?”

Leia a primeira linha de novo, mas vagarosamente, e peça que leiam a linha seguinte, especialmente os trechos finais, que são repetidos.

Localize com a turma alguns dos nomes que já apareceram – CASA, CAMA, AVÓ, MENINO – e busquem juntos onde pode estar escrita a palavra CACHORRO.

Peça que observem a ilustração e pergunte: “O que acham que acontecerá na página seguinte? Como será seu trecho inicial?”

Crie condições para que os alunos compartilhem sua percepção da regularidade do texto, das repetições que sempre acontecem de uma página a outra. E como a imagem facilita a antecipação, não será difícil saberem como começará a próxima página.

Sexta página

Leia toda a página. Pergunte aos alunos se está de acordo com as previsões feitas.

Essa é outra estratégia de leitores experientes: além de antecipar, deve-se verificar se a previsão foi adequada.

Pergunte: “Que palavras já conseguem ler?”

Leia novamente, linha por linha, com especial atenção para a quarta, a quinta e a sexta linhas. Questione: “O que se repete aqui? Conseguem localizar as palavras EM CIMA DE em cada uma das linhas?”

Peça que observem bem a ilustração e pergunte o que pensam que poderá acontecer na página seguinte. “O que imaginam que estará escrito na próxima página?”

Sétima página

Como nas páginas anteriores, leia o texto e vá localizando cada personagem na ilustração. Em outros momentos, use a ilustração para antecipar a linha seguinte.

Procure ler cada palavra da última linha, sabendo que os alunos já terão memorizado esse trecho.

Pergunte: “Conseguem imaginar o que acontecerá na página seguinte?”

Leia a primeira e a segunda linha da página seguinte e depois volte para esta página e convide os alunos para localizarem a pulga na ilustração.

Apesar de “invisível”, a pulga aparece nas ilustrações desde a primeira página. Quando é revelada pelo texto, ganha uma presença especial e se torna uma brincadeira a mais proporcionada pelo livro – novamente, é a interação entre texto e imagem que possibilita essa graça.

Oitava página

Leia todo o texto dessa página e comente o que aconteceu. “O que se fala da pulga?” Relembre as palavras que falam das demais personagens. Qual a diferença no estado da pulga para as demais personagens? O que pode acontecer, então?

Peça aos alunos que localizem algumas palavras, entre elas, PULGA.

Peça também que localizem alguns trechos – ONDE TODOS VIVIAM DORMINDO.

Peça aos alunos que localizem e leiam a linha em que se fala do RATO.

E que façam o mesmo com a linha em que se fala do CACHORRO.

Para facilitar, você pode perguntar: “Como podemos saber como se escreve RATO? Que letras aparecem nessa palavra? Como vocês sabem?”

Atenção

Espera-se que os alunos utilizem todas as informações que têm do texto para responder a essas questões: a ordem em que as personagens estão empilhadas e a ordem em que são apresentadas, e que cada uma é referida numa linha diferente. Para localizar a linha do RATO ou do CACHORRO, por exemplo, os alunos também podem apoiar-se nos conhecimentos que têm das letras contidas nessas palavras – podem não saber todas as letras, mas talvez conheçam a letra inicial ou a final.

Da nona à décima quinta página

Leia cada frase das páginas junto com os alunos, relacionando-as com as ilustrações correspondentes. Antecipem, então, o que acontecerá na última página.

Última página

Leia e compare o trecho desta página com o da primeira. O que está diferente no texto? O que está diferente na ilustração? Por que isso aconteceu?

Compare a ilustração da última página com a da primeira, ajudando os alunos a perceberem que o ilustrador fez a mesma casa, mas com um efeito muito diferente pela forma como usa a cor dominante, e que isso tem um significado – a casa retratada à noite, sob chuva, e a casa num dia ensolarado. Isso coloca aos alunos uma nova possibilidade de leitura, ou seja, eles podem ler, considerando informações variadas, provenientes de diferentes fontes, e essa leitura será tanto mais rica quanto maior a possibilidade de relação entre essas informações e linguagens.

Variações da atividade

Trabalho com vários exemplares de um livro:

Explorando o livro – Antes de fazer sua leitura para a classe, deixe as crianças explorar livremente o livro, sem necessariamente ler a história. Nesse momento, faça intervenções, orientando-as a manusear o livro sem amassar as páginas; mostre a direção da leitura – de cima para baixo, da esquerda para a direita – e para que lado se deve virar as páginas. Faça intervenções que levem as crianças a levantarem hipóteses sobre o conteúdo da história, observando as ilustrações, as informações contidas na capa e na contracapa do livro, as diferenças que podem aparecer entre tipos de letra empregados ao longo do livro – na capa, na página de rosto, na contracapa, no corpo do texto. Essa também é uma forma de leitura!

Verificando hipóteses – Na sequência, entregue novamente os livros para os alunos, desta vez para acompanharem a leitura que você fará. Eles vão conhecer a história, retomar as hipóteses que tinham levantado, confirmá-las ou não, comentar a história, reler trechos de que gostaram ou aqueles que você planejou destacar para que memorizem.

Leitura de trechos – Em um terceiro momento, promova nova leitura do mesmo livro. Como os alunos já se apropriaram da história, desafie-os a lerem algumas partes que selecionou previamente, enquanto você lê outras, ou convide-os a ler junto com você as partes do texto que já memorizaram.

Caso trabalhe com cópias de um original, um texto mimeografado ou reproduzido em um cartaz:

Hipóteses – Faça uma primeira aproximação dos alunos com o texto, lendo somente o título, levando-os a formularem hipóteses sobre o que será tratado na história.

Leitura pelo professor – Em um segundo momento, proceda a leitura com o acompanhamento dos alunos. Faça pausas para retomar acontecimentos semelhantes ou não às hipóteses levantadas na conversa anterior, selecione com eles as partes que, na próxima vez, serão lidas por eles.

Leitura alternada – Na sequência, faça a leitura conforme o combinado anteriormente: você lê uma parte e, alternadamente, os alunos leem as que lhes foram destinadas.

Caso se trate de um texto mais extenso, com a leitura dividida em “capítulos”, a serem lidos em diferentes dias, cada aluno ou dupla com uma cópia do texto:

Leitura em capítulos – Antes de começar, mostre o texto inteiro aos alunos, apresentando seu título, imagens e autores. Explique que farão essa leitura em vários dias e leia a parte destinada para aquele dia. Ao terminarem, todos marcam onde pararam para retomarem a leitura em outro momento.

Localização de trecho – Na sequência, antes de prosseguirem a leitura dos demais capítulos, recupere com as crianças o que foi relatado no trecho já lido. Peça que indiquem alguma parte de que mais gostaram para relerem. Desse modo, todos terão a tarefa de localizar onde está aquele trecho. Nos capítulos seguintes, proceda da mesma maneira, sempre retomando os anteriores, até chegarem ao final do livro.

Intervenções possíveis

Indícios – Proponha aos alunos a leitura de determinado trecho que contenha indícios textuais em que possam apoiar-se, mesmo que ainda não saibam ler convencionalmente – palavra que contenha uma parte do nome de uma das crianças da turma, por exemplo.

Justificativa – Peça que justifiquem as respostas dadas, explicando, por exemplo, por que acham que em determinado trecho do texto está escrita uma palavra que procuram.

Repetição – Em um trecho do texto que se repete, solicite que encontrem determinada palavra que contenha índices textuais que permitam sua localização.

Aprendizagem esperada

Espera-se que o aluno:

- Observe “o que está escrito”, as ilustrações do livro e os recursos utilizados pelo autor, como pontuação, letras diferentes, efeitos de diagramação, entre outros.
- Antecipe o conteúdo do texto, apoiando-se nas imagens e em partes recorrentes da história que vão memorizando.
- Antecipe a continuação do texto a partir dos fragmentos do texto que já foram lidos.
- Utilize indícios gráficos próprios do gênero para antecipar ou verificar o conteúdo do texto.
- Utilize indícios do texto, quantitativos e qualitativos, para fazer antecipações e verificá-las.

Bibliografia sugerida

Contos de acúmulo

O Caso do Bolinho, recontado por Tatiana Belinky. São Paulo: Editora Moderna.

“O Macaco e a Banana”, Heloisa Prieto, no livro *Lá Vem História*. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas.

Qual o Sabor da Lua? Michael Grejniec. São Paulo: Editora Brinque Book.

O Grande Rabanete, Tatiana Belinky. São Paulo: Editora Moderna.

Livros com repetições

Bruxa, Bruxa, Venha à minha Festa, Arden Bruce. São Paulo: Editora Brinque Book.

O Rei Bigodeira e sua Banheira, Audrey e Don Wood. São Paulo: Editora Ática.

Grúfalo, Julia Donaldson e Axel Scheffler. São Paulo: Editora Brinque Book.

Livros de histórias com estrutura simples

Clara, Ilan Brenman e Silvana Rando. São Paulo: Editora Brinque-Book.

Gabriel, Ilan Brenman e Silvana Rando. São Paulo: Editora Brinque-Book.

Rápido como um Gafanhoto, Audrey e Don Wood. São Paulo: Editora Brinque-Book.

Livros com versos e rimas

Não Confunda, Eva Furnari. São Paulo: Editora Moderna.

Você Troca?, Eva Furnari. São Paulo: Editora Moderna.

Outras Duas Dúzias de Coisinhas à Toa que Deixam a Gente Feliz, Otávio Roth. São Paulo: Editora Ática.

Apresentação

Esta *Atividade Habitual* tem o objetivo de aproximar os alunos do universo dos livros, contribuir para que desenvolvam o gosto pela leitura e entrem em contato com um gênero específico, o da indicação de livros.

Para isso, serão promovidas várias situações para que os alunos possam folhear livros, observar suas ilustrações, ler ou tentar ler seus textos. Também serão realizadas rodas de leituras, em que você lê para a classe, e rodas de conversas, em que os alunos comentam o que leram ou o que gostaram nos livros lidos por você ou por eles próprios.

O próximo passo será a instituição de um momento da Biblioteca na rotina da classe, para que todos possam apreciar e ler os livros disponíveis no acervo, bem como o momento do Clube de Leitura, no qual os alunos preparam e apresentam suas indicações de leitura para os colegas.

Justificativa

A escola deve propiciar oportunidades para que as crianças interajam com a cultura escrita para que desde pequenas tenham acesso e comecem a se relacionar com o mundo letrado. A literatura cria uma realidade simbólica que alimenta e amplia a imaginação das crianças. Elas são capazes de imaginar situações a partir da leitura feita em voz alta pelo adulto ou por suas próprias leituras. A interação com os livros permite que construam conhecimentos sobre alguns gêneros literários e, progressivamente, saibam distinguir o mundo ficcional do real. As crianças também podem aprender que a leitura tem diversas finalidades: para ter prazer, para emocionar, para conhecer outros mundos possíveis, refletir sobre a própria realidade.

Essa interação com a cultura escrita acontece por meio de *Situações Didáticas* que se aproximam das situações sociais, como fazer uso de uma biblioteca e conhecer o seu acervo. Ao interagirem com materiais escritos e realizarem as mesmas ações que leitores e escritores exercem sobre esses materiais, as crianças têm a possibilidade de participar de uma comunidade de leitores e, assim, formar vínculos fundamentais para que aprendam a ser leitores competentes e autônomos. Participando de uma comunidade de leitores, ao entrarem em contato com obras de alta qualidade estética, os alunos vão se formando como “leitores estéticos”, ou seja, “que respondem de forma vivencial perante os sentimentos, as ideias, as cenas, as emoções que o texto literário transmite, que podem escutar os sons e perceber os ritmos das palavras de um poema, que participam ativamente dos conflitos, das sensações, do desenrolar de seus contos favoritos...” (*Practica de La Lectura, in Pre Diseño Curricular para La Educación General Basica. Gobierno de La Ciudad de Buenos Aires*).

Ler um livro e saber indicá-lo a outras pessoas não é tarefa fácil. Fazer indicações, dizer o que determinado livro pode trazer como experiência e sentimentos é um comportamento de leitor que se aprende, praticando.

Para as crianças pequenas iniciarem essa aprendizagem, é necessário um trabalho frequente nesse sentido. É preciso que você, professor, leia muitos livros para seus alunos e propicie que entrem em contato com eles, folheando-os, narrando suas histórias, lendo e conversando sobre eles – ou seja, é necessário ajudar as crianças a construir um repertório de comportamentos que contribua com seu desenvolvimento como leitoras.

Orientações

O primeiro passo para as crianças se desenvolverem como leitoras é construir um vínculo positivo com os livros, mesmo antes de saberem ler convencionalmente. Observar diversos livros, folheá-los, apreciar suas ilustrações, conhecer os autores e ilustradores das histórias de que gostam são maneiras de aproximar as crianças desse universo tão enriquecedor.

Situações Didáticas
p. 8

A cada leitura que fizer para sua turma é importante que comente os motivos pelos quais escolheu determinado livro. Você pode iniciar a leitura dizendo, por exemplo: “Eu escolhi este livro para ler para vocês porque gosto muito deste autor. Ele escreve de uma maneira gostosa de ler, como quem conversa com os leitores”. Ou então: “Escolhi este livro porque eu gostava muito dele quando eu era criança, conta a história de...”. Enfim, é preciso conquistar as crianças para a leitura, torná-la interessante, de forma que queiram escutar a história escolhida. Outra maneira de apresentar o livro é ler a contracapa, que muitas vezes traz uma pequena resenha ou apresentação do livro ou, se considerar importante, poderá ampliar as referências das crianças, lendo indicações publicadas em jornais ou catálogos de editoras.

Depois de assegurar que muitos livros tenham sido apresentados e lidos aos alunos, além de terem sido deixados acessíveis à apreciação, ao manuseio e à leitura feita por eles mesmos, pode-se estabelecer como atividade habitual o chamado Clube de Leitura: a situação em que as próprias crianças indicam umas para as outras as leituras dos livros que leem na escola ou em casa, por meio de uma conversa informal, mas bem organizada.

Para que isso possa acontecer, é preciso que o acervo de livros disponíveis seja suficiente para que todos os alunos tenham chance de ler. Você pode conseguir isso selecionando alguns livros da biblioteca da escola ou do acervo da Casa do Professor para pegar emprestados e deixar na sala de aula por algum tempo. Se possível, determine a quantidade de livros de acordo com a quantidade de alunos, para possibilitar a leitura individual. Caso isso não seja possível, você pode pedir que as crianças formem duplas para lerem juntas o mesmo livro.

Momento da Biblioteca

É importante estabelecer um horário semanal para a Biblioteca em sala de aula – um momento em que as crianças terão a oportunidade de ler, apreciar, folhear ou escutar a leitura feita por você ou outro adulto – para que ler e apreciar livros se tornem cada vez mais presentes em suas vidas.

Nos momentos de Biblioteca, sua leitura para os alunos deve servir como uma referência e incentivo para eles seguirem lendo ou folheando determinado livro. Caso seja possível, é recomendável a presença de mais um adulto na classe – coordenador, diretor, assistente – para ajudar a ler diferentes livros para as crianças, atendendo aos diferentes pedidos feitos pela turma.

atividades didáticas
p. 8

Biblioteca circulante

Se houver livros em quantidade suficiente, pode-se instaurar uma Biblioteca circulante, ou seja, criar a possibilidade de as crianças levarem os livros para casa, o que proporciona uma cultura de leitores também para as famílias. Nesse caso, os livros devem ser catalogados, ou seja, organizados de maneira que se possa estabelecer um controle dos empréstimos. Em cada livro deve haver um cartão com o nome do livro e espaço para o nome dos alunos que o retirarem e a data do empréstimo. Também é importante estabelecer um prazo para a devolução: uma semana, por exemplo.

Momento do Clube de Leitura

Além do Momento da Biblioteca, é preciso reservar um tempo para que as crianças conversem sobre o que leram e observaram nos livros selecionados – é o momento do Clube de Leitura. É importante determinar o número de crianças que falarão a cada dia, pois não será possível que todas falem na mesma seção. Recomendamos em torno de cinco – um número excessivo tornaria a atividade extensa e cansativa, levando à perda de concentração e de atenção das crianças.

Ao pedir que uma criança fale sobre o livro que leu, ou que foi lido para ela, você precisa ajudá-la a ir além do “Gostei porque é legal”, ou “Não gostei porque é chato”. Você pode perguntar os motivos pelos quais ela gostou ou não gostou, dando exemplos que sirvam de referência. Indague-a se gostou das ilustrações, se o livro a fez sentir medo ou se a fez ficar alegre; se é engraçado e a fez dar risadas. Sugira adjetivos que enriqueçam a indicação, como assustador, engraçado, bonito, surpreendente.

Você também pode perguntar às crianças se há no acervo outros livros parecidos com o que foi lido e peça que digam em que se parecem ou se diferenciam. No entanto, deixe claro para a turma que, quando se faz uma indicação de um livro, não se conta a história toda, nem se revela seus detalhes. Informam-se apenas algumas características que distinguem a obra e que deixem outras pessoas com vontade de conhecê-la.

Um fator que faz diferença no modo como a atividade é realizada é a sua participação nas rodas de indicação. Você pode dar início à roda, recomendando livros, compartilhando suas sensações e sentimentos a respeito do livro que leu, estabelecendo relações entre o livro e outros textos conhecidos, outras versões da mesma história (quando for o caso), enfatizando características de um autor, relendo uma passagem de que tenha gostado muito. Enfim, tornando-se você mesma uma referência de como se indica um texto.

Tipos de indicação

Ao pedir que os alunos comentem a respeito dos livros que leram, você pode propor discussões por vários caminhos. Veja alguns exemplos relativos à leitura de “A Bela e a Fera”, in *A Bela e a Fera e outros Contos de Fadas*, de Jeanne Marie Le Prince de Beaumont e Madame d’ Aulnoy. Editora Princípio/Landy, 2007 (indicado para leitura do professor).

- Releitura de algum trecho significativo da história discutida: “Vamos reler essa parte que me pareceu tão triste, vejam se vocês também acham triste”.
- Pergunte o que pensam sobre alguma situação com a intenção de facilitar a argumentação, a troca de opiniões e aprofundar a discussão: “Por que vocês acham que as irmãs da Bela não querem que ela volte ao palácio da Fera?”
- Peça às crianças que defendam suas opiniões, apoiando-se em fragmentos do texto, especialmente nas questões que geraram controvérsias: “Alguns de vocês disseram que as irmãs da Bela não queriam que ela voltasse ao palácio da Fera por ciúmes e inveja, outros acham que é porque a amam muito e vão sentir saudade. Procurem no livro alguma parte que nos faça pensar mais sobre o motivo”.
- Retome o comentário de algum aluno para submetê-lo à discussão: “João disse justamente quando a Bela se apaixonou pela Fera, esta se transformou em um príncipe, o que vocês pensam sobre isso?”
- Faça relações com outras histórias já conhecidas pelas crianças – referindo-se a Cinderela, por exemplo: “Em qual história a princesa tem irmãs que também sentem ciúmes e inveja. Há mais alguma semelhança entre as duas histórias?”

É importante dizer aos alunos que nem sempre gostamos de todos os livros que lemos. Alguns podem nos provocar sentimentos que não gostamos ou não nos identificamos com a história e isso nos levar a desistir da leitura. Esse é um fato comum entre leitores competentes e, portanto, também pode ocorrer com eles, que são leitores iniciantes. Todos esses aspectos, tanto os relativos à situação de leitura quanto os relacionados com o conteúdo da obra lida, podem ser conversados com as crianças.

Lista de espera

Como consequência das indicações, alguns livros do acervo podem passar a ser muito procurados pelos alunos nos momentos da Biblioteca. Para ordenar essa procura, você pode providenciar uma lista de espera para os livros mais concorridos. Essa lista também mostrará para as crianças uma necessidade real de organização, que acontece em contextos sociais, como em uma biblioteca pública, que pode ser resolvida por meio do uso da escrita.

Variações da atividade

Conversa sobre as personagens das histórias

Em uma das rodas de indicações, sugira que falem somente sobre as personagens das histórias lidas. Essa proposta enfatiza a descrição e, com isso, pode-se criar interesse pela leitura de um livro, que de outra forma talvez não fosse procurado. Por exemplo: “Neste livro tem o Grúfalo, um bicho estranho, que tem pernas ossudas, verruga cabeluda. Todo mundo tem medo dele...” (*O Grúfalo*, Julia Donaldson. São Paulo: Editora Brique-book).

Indicação de leitura para alunos de outras salas

Depois que as crianças tenham apropriado-se bem da maneira como se faz uma indicação literária, você pode combinar com outro professor da escola que seus alunos indicarão oralmente alguns livros lidos para os alunos dele. É importante que preparem com antecedência o que dirão e que levem os livros que vão indicar para a outra classe conhecê-los, pois, assim, terão o apoio necessário, podendo mostrar alguma ilustração ou mesmo ler alguma parte de que mais gostaram. Essa atividade é realizada em grupos, divididos de acordo com as leituras feitas – todos no grupo devem ter lido o livro que será indicado.

Análise da relação entre ilustração e texto

Selecione livros que tenham diferentes relações entre ilustrações e texto. Antes de iniciar a leitura, chame a atenção das crianças para a ilustração da capa e das páginas internas do livro, perguntando se é possível imaginar a história pelas ilustrações. Depois, dê início à leitura, confirmando ou não o que haviam imaginado. Não se trata de criar narrativas para o livro por meio das ilustrações, mas sim de observar e estabelecer uma relação entre a ilustração e o texto, o que deve acontecer após a leitura, quando for promovida uma conversa sobre esse aspecto. Veja um exemplo de conversa sobre a capa do livro *O Menino Azul* (Cecília Meireles. São Paulo: Global Editora, 2004).

Professora – Este livro se chama *O Menino Azul* e quem o escreveu foi aquela autora de poemas que nós lemos na semana passada, a Cecília Meireles, lembram? Ela escreveu o poema *Ou Isto ou Aquilo*. Agora, eu quero que vocês olhem para a capa do livro e me digam o que imaginam que acontece nesta história, que é também um poema.

Criança 1 – Eu acho que o menino ganhou o burrinho de aniversário!

Professora – Você acha que é isso o que acontece na história?

Criança 1 – Sim!

Criança 2 – Parece que nessa história o menino gostava muito do burro porque ele está com uma cara feliz! E ele está abraçando o burro.

Criança 3 – O burro também está com uma carinha feliz! Ele também gostava do menino!

Professora – Todo mundo concorda com o que eles disseram?

Crianças – Sim!

Criança 4 – Eu acho que eles estavam saltitando pelo parque cheio de flores!

Criança 5 – Eu acho que a cor preferida dele é azul, como a minha cor preferida!

Criança 6 – Eu acho que ele está abraçando o burro porque o burro estava correndo e ele gostava de correr!

Professora – Pode ser!

Criança 7 – Eu acho que o menino está sonhando!

Professora – Será que é um sonho? Vamos agora ler este poema para saber se tudo o que vocês acharam acontece neste livro?

Depois dessa conversa, em um Momento da Biblioteca, proponha que os alunos façam essa observação dos livros que eles vão ler. Para as crianças que ainda não leem convencionalmente, é importante que a leitura desses livros seja feita por você ou por outro adulto presente nesse momento, como o coordenador ou o diretor, para garantir que seja realizada a análise da relação entre o que diz o texto e o que dizem as imagens. Na semana seguinte, promova uma roda de conversa sobre os livros lidos a partir dessa reflexão sobre ilustrações e texto.

Escrita de texto de indicação para o mural

Proponha à classe a elaboração de um mural de indicações para que todos na escola possam apreciar os livros que leram. Inicialmente, a atividade acontece como uma escrita por meio do professor, criando-se assim referências para que os alunos possam produzir outras indicações sozinhos ou em grupos. Para a produção coletiva, escolha um livro que você tenha lido para a turma, garantindo assim que todos escutaram a história e tenham o que dizer. Antes de iniciarem a escrita coletiva, retome algumas indicações lidas anteriormente, chamando a atenção para suas características por meio de palavras que levem o leitor a ter vontade de ler o livro, como divertido, misterioso, bonito, assustador.

Depois inicie a escrita, sempre pedindo que os alunos digam como as ideias e informações que desejam registrar devem ser escritas. Certamente, você vai precisar interferir, dando alguns palpites, mas é importante que, a cada sugestão dada, pergunte ao grupo se todos concordam, pois se trata de um texto de todos: professor e alunos. Também é provável que você tenha de pôr em discussão duas ou mais sugestões dadas para a redação de um mesmo trecho.

Em outro dia, proponha que escrevam indicações individualmente ou em grupos. A indicação individual ganha maior significado quando a maioria das crianças já escreve convencionalmente. Na produção grupo, reúna alunos que leram o mesmo livro, pois todos precisam conhecer bem a história para fazer uma indicação coletiva. Verifique se



um dos alunos já escreve convencionalmente para fazer o papel de escriba. Se não for possível, circule pelos grupos, tentando anotar o que cada um está pensando para depois realizar uma revisão coletiva com as produções de todos os grupos ou para escrever uma transcrição do texto e colocar ao lado da indicação feita em escrita não convencional.

Veja um exemplo de indicação de um livro (*O Caso das Bananas* de Mariana Massarani e Milton Célio Oliveira Filho. São Paulo: Brinque Book, 2003) produzido e revisado por crianças de 6 anos em uma escola de São Paulo – o foco da revisão feita pelas crianças foi a linguagem usada para compor o texto; a ortografia foi corrigida pela professora.

O CASO DAS BANANAS

É UMA HISTÓRIA DE UM MACACO, QUANDO ELE ACORDA AS BANANAS DELE TINHAM DESAPARECIDO E ISSO É UM MISTÉRIO... LEIA O LIVRO PARA DESCOBRIR QUEM ROUBOU AS BANANAS.

Explique para eles que a revisão é necessária para deixar o texto o mais adequado possível aos propósitos que guiam sua produção e ao seu leitor. Para os alunos, a revisão é uma ótima oportunidade para refletirem sobre o sistema de escrita, problematizando a escrita de algumas palavras, e também para analisarem a maneira como o texto foi escrito, verificando, nesse caso, se cumpre sua função de indicar um livro a alguém.

Um encaminhamento alternativo ao da revisão seria anotar e transcrever o que cada grupo discutiu a respeito do livro que querem indicar e, depois de fazer isso, compartilhar o texto com os alunos para que possam opinar e fazer algumas modificações caso julguem necessário.

Intervenções possíveis

Motivos – Ao ler para seus alunos é sempre importante apresentar o livro, explicando os motivos pelos quais fez essa escolha, para que as crianças fiquem com vontade de escutar sua leitura.

Conhecer o acervo – Durante as rodas de indicação, além de se colocar como referência ao indicar leituras, é importante que você incentive os alunos a falar, fazendo perguntas sobre o livro. Para isso, é conveniente que você se dedique a conhecer a maior quantidade possível de livros do acervo disponível em classe para que possa conversar com os alunos sobre eles, trocar opiniões, questionar alguma colocação ou concordar com o que dizem.

Como fazer uma indicação – Também é importante que, ao iniciar esse trabalho, você esclareça a função de uma indicação literária, dando exemplos e dizendo que não se conta toda a história, mas sim algo que deixe os outros com vontade de ler o livro indicado. Assim, os alunos poderão apropriar-se do gênero da indicação literária.

Aprendizagens esperadas

Espera-se que o aluno:

- Acompanhe a leitura de um adulto.
- Coloque em jogo e aproprie-se progressivamente de aspectos fundamentais do comportamento de leitor, como contar ou explicar algo dos livros que leu para pessoas interessadas em conhecê-los, comentar com outros e recomendar (ou não) sua leitura, opinar sobre o livro lido e trocar interpretações com outros que tenham lido o mesmo livro.
- Faça uso dos conhecimentos que se tem sobre o autor, o gênero, as ilustrações, as indicações alheias ou a leitura da contracapa para escolher um livro.
- Escreva indicações literárias.
- Fale claramente para que outros possam compreender.

Apresentação

O objetivo dessa atividade é introduzir a leitura do jornal na rotina da sala de aula, aproximando as crianças dos textos jornalísticos e familiarizando-as com a organização de um jornal, de modo a que possam folheá-lo, localizar informações procuradas por meio de vários indícios, como títulos e imagens associados ao texto, identificando-os como fontes de informação. Com isso, os alunos poderão entrar em contato com uma grande variedade de temas veiculados por esse meio de comunicação, tornando-se leitores mais competentes e cidadãos bem informados sobre o que acontece no mundo e na comunidade em que vivem.

Justificativa

Atualmente, as pessoas têm acesso a informações dos mais variados tipos por meio de diferentes meios – internet, televisão, rádio, jornal e até pelo telefone celular. Aproximar as crianças dos textos jornalísticos por meio do jornal impresso e levá-las a se interessarem por eles é uma tarefa que exige grande empenho por parte dos educadores. Porém, não podemos deixar de afirmar que esse conhecimento e a crescente intimidade com a leitura de jornais são de fundamental importância para formar leitores habituais e cidadãos bem informados.

O propósito didático central da *Atividade Habitual de Leitura de Jornal* é mediar a relação das crianças com os diários e com os gêneros jornalísticos, em geral não conhecidos por elas, oferecendo-lhes oportunidades de terem acesso aos assuntos neles veiculados e ampliarem seu conhecimento sobre o mundo.

A porta de entrada desse trabalho é o conteúdo dos textos, a informação e os temas que abordam, e não as características do jornal em si, uma vez que a intenção é aproximar os alunos dos textos jornalísticos como leitores e não como produtores de tais textos.

A proposta é colocá-los em contato com o texto jornalístico por meio da leitura feita pelo professor e, em seguida, abrir espaço para o intercâmbio de ideias sobre o texto lido, a exploração dos jornais para localizarem alguma nota ou notícia que já sabem que aparece no material disponível, a leitura por si mesmos de títulos, agendas de programação cultural, informes meteorológicos, publicidades ou outros textos cujo conteúdo seja adequado, acessível e facilmente antecipável.

Apesar dessa *Sequência de Atividades* não pressupor a publicação de um produto, sua realização pode contribuir para produções escritas relacionadas com os temas e gêneros lidos: produção de legendas em fotografias para um jornal mural, reelaboração do título de alguma notícia, bem como textos vinculados com os materiais lidos.

No jornal, você poderá encontrar notícias, pequenas notas ou reportagens que atraiam o interesse das crianças e as ajudem a construir um conhecimento sobre essa maneira de se informar a respeito do que acontece na comunidade e no mundo.

O que é importante saber

Os textos jornalísticos apresentam predomínio da função informativa da linguagem, isto é, são textos comprometidos com a realidade e com a transmissão dos fatos mais relevantes no momento em que os mesmos acontecem.

Esses textos podem ser veiculados em diferentes suportes – jornal, revista, boletins, telejornais, noticiários de rádio, jornais virtuais etc. Porém, todos mantêm o propósito de difundir informações recentes, coletadas em diferentes partes do mundo, sobre temas variados e capazes de atrair a atenção e o interesse de seus potenciais leitores.

Nesta atividade habitual destinada aos alunos do Ciclo I, você chamará a atenção da classe para as características dos jornais sem, porém, se aprofundar em suas especificidades; lerá os variados gêneros de texto que o compõem, sem, no entanto, propor atividades em que as crianças precisem diferenciar reportagens, notícias, artigos de opinião etc. O que se pretende é que o aluno, por meio de comportamentos de leitor comunicados por você, aprenda como atua um leitor diante de um jornal.

Estrutura e vocabulário

É importante que você se informe acerca da estrutura e do vocabulário usado nos jornais para fundamentar e enriquecer os comentários que venha a fazer com os alunos sobre a organização e a linguagem empregadas nesse meio de comunicação. Vejamos algumas expressões:

Artigo – Texto que traz a opinião e a interpretação do autor sobre um fato. Geralmente contem o nome do autor e não reflete necessariamente a opinião da publicação.

Editorial – É a opinião da empresa que publica o jornal sobre temas relevantes. Não aparece o nome do autor.

Entrevista – Contato pessoal entre o repórter e uma ou mais pessoas (as fontes) para coleta de informações. Também é um tipo de matéria jornalística redigida sob a forma de perguntas e respostas (conhecida como pingue-pongue).

Legenda – Texto breve associado a foto ou ilustração, usado para identificar e acrescentar informações à imagem.

Lide – Abertura de um texto jornalístico que apresenta sucintamente o assunto, destacando o fato principal ou criando um clima para atrair o leitor para o texto. Tradicionalmente deve responder a seis questões básicas em relação ao fato noticiado: o quê, quem, quando, onde, como e por quê.

Manchete – Pode ser tanto o título principal, escrito em letras grandes, no alto da primeira página de um jornal, indicando o fato jornalístico de maior importância entre as notícias contidas na edição, quanto o título de maior destaque no alto de cada página.

Nota – Pequena notícia.

Notícia – Relato de fatos atuais, de interesse e de importância para a comunidade e para o público leitor.

Reportagem – Texto jornalístico produzido a partir de uma pesquisa sobre determinado tema ou notícia, cobertura de eventos relacionados ao assunto que está sendo pesquisado, apuração, seleção, interpretação e tratamento das informações conseguidas

Credibilidade

Ao escolher os textos que lerá aos alunos, verifique a seriedade e credibilidade do jornal. Observe se procura passar a informação com o máximo de neutralidade, se quando se coloca, deixa claro que está dando a sua opinião, se difunde outras interpretações sobre o mesmo assunto, dando margem para que o leitor reflita e se posicione concordando ou não com esta ou aquela opinião.

Utilize estratégias que despertem o interesse das crianças e que as envolvam completamente com a linguagem utilizada nesse meio de comunicação. Procure sempre manter a informação na íntegra, não corte partes do texto para não mudar a informação original; leve o jornal inteiro para a sala e, caso não seja possível, informe aos alunos o título da publicação, a data, a página e o nome do autor da matéria; preserve as fotos com as legendas originais e o nome do fotógrafo; escolha vários gêneros textuais para leitura como reportagens, notícias, artigos de opinião, cartas escritas pelos leitores, textos de indicação literária, resenhas de filmes ou recomendação de eventos e atividades culturais, entre outros.

Orientações

Uma vez por semana ou a cada 15 dias dedique uma hora de aula para a leitura do jornal. De forma semelhante ao que ocorre com as outras atividades habituais, essa proposta se realiza de forma paralela e simultânea com o desenvolvimento de um projeto no qual se trabalha sobre outro gênero, a fim de assegurar que os alunos tenham acesso a uma diversidade de textos e possam conhecê-los bem. As notícias que serão lidas podem ser selecionadas por você ou trazidas pelas crianças. Nos dois casos, é importante que você prepare com antecedência a leitura que fará para a turma.

Inicie a atividade sempre falando dos motivos pelos quais quer compartilhar aquele texto com os alunos: porque se trata de um assunto da atualidade, traz algo de interesse da classe, tem relação com um assunto que estão estudando, responde a alguma pergunta que vem tentando responder por meio da leitura de outros textos etc.

Localização de uma notícia

Folheie o jornal que trouxe, comente os nomes das seções e explique os motivos pelos quais não vai parar naquelas páginas, visto que está procurando uma notícia que trata de determinado tema e, portanto, ela deve estar numa seção específica do jornal. Procure encontrar a matéria diante dos alunos, mostrando a maneira como o jornal está organizado em seções, como se procura uma notícia em suas páginas e os passos percorridos na leitura desse suporte.

Ao encontrar a notícia que escolheu, mostre aos alunos a página em que está publicada, comente com eles a imagem – foto, ilustração, gráfico, se houver, leia a manchete, peça que comentem, acolha seus comentários e, em seguida, leia o lide e o corpo da notícia. No decorrer da leitura, pare em pontos estratégicos para comentar o que leu ou incentive os comentários por parte dos alunos. Desse modo, comunique a eles os comportamentos do leitor que compartilha com outros um texto que lhe causou interesse.

Explorando o jornal

Se o tempo que reservou para a atividade habitual for suficiente, distribua exemplares do jornal – um para cada dois ou três alunos – para que eles possam folheá-lo, ver as fotos, os títulos e ler a notícia. Assim, eles poderão explorar o jornal para tentar localizar a notícia e, se a encontrarem, contar em que página e em que seção está, dar uma olhada nas outras seções, ler algo mais que lhes desperte o interesse.

Comparando versões

Se a notícia tiver repercussão na TV ou em outros meios de comunicação, você poderá continuar conversando sobre ela a cada dia, comentando com os alunos sobre as novas informações que vão sendo acrescentadas sucessivamente. Do mesmo modo, poderá trazer outro jornal em que também se publicou uma notícia sobre o mesmo fato, abrindo a possibilidade de encontrar novos dados, deixando que os alunos vejam se as fotos são diferentes das que foram publicadas no primeiro jornal. Nesses casos, é importante comparar os textos de dois ou mais jornais ou revistas e verificar se os conteúdos são iguais, se aparecem informações novas, registrando as eventuais diferenças na forma de noticiar em cada jornal ou revista.

Você pode realizar esse tipo de proposta todas as vezes que encontrar notícias que considere de interesse, como fatos locais ou referentes a temas ligados ao universo escolar, com crianças ou animais como protagonistas, notícias de grande importância imediata, como um novo surto de gripe ou da dengue, por exemplo. Nesses casos, leia para a classe e peça que a comecem. Se possível, distribua exemplares da publicação para que as crianças examinem a notícia e explorem suas seções, títulos, fotos, legendas, número de páginas etc.

Variações da atividade

Localização de matéria

Organize os alunos em pequenos grupos, entregue um jornal para cada grupo, pedindo que encontrem uma matéria específica. Depois que a encontrarem, os alunos devem ler a matéria de acordo com suas possibilidades, ou seja, podem ler convencionalmente ou criar hipóteses sobre o que está escrito a partir das imagens associadas ao texto ou de outros indícios, como as letras do título. Depois disso, leia a matéria para a classe em voz alta e promova sua discussão.



Escolha de matérias

Organizados em pequenos grupos, os alunos recebem um jornal e selecionam algo para ler aos colegas. Leem primeiro no pequeno grupo, com a sua ajuda, se necessário, e, em seguida, leem para a classe e comentam. Nessa atividade, você precisa acompanhar a exploração do jornal feita pelos grupos a fim de orientá-los na escolha.

Jornal mural

Proponha a montagem de um jornal mural em um espaço coletivo da escola, onde os alunos exporão as notícias que selecionaram em uma semana, a cada 15 dias ou no mês, conforme a rotina e a realidade da escola.

Produção escrita para o jornal mural

Proponha a produção de textos, em duplas, pequenos grupos ou coletivamente para um jornal mural. Pode ser uma notícia, uma indicação de um livro, de um filme ou de um programa de televisão de que gostam ou, ainda, dicas de brincadeiras para o recreio e de passeios para o fim de semana. A condição didática essencial para a realização dessas produções escritas é que tenha havido leitura habitual desses gêneros nas rodas de leitura de jornal.

Intervenções possíveis

Estratégias de busca – Chame a atenção dos alunos para alguns aspectos que ajudam o leitor a construir estratégias de busca rápidas e eficientes para a leitura desse tipo de suporte, como localizar em qual caderno ou seção pode-se encontrar aquele tipo de assunto e ir direto a ele; ler as manchetes para selecionar o que se está buscando; observar as imagens; recorrer ao índice etc. Ao levar um jornal inteiro para a sala de aula, pergunte: “Como vamos achar determinada notícia que queremos ler? Temos que ler o jornal inteiro? Ou há alguma outra forma mais rápida?”

Compreensão – Ao notar que os alunos estão com dificuldade de compreender o texto, retome o que foi lido, pergunte o que entenderam, confronte diferentes interpretações, verifique se querem que releia alguma passagem para entenderem melhor.

Gêneros discursivos – Ao ler algo diferente de notícias e reportagens, gêneros que predominam nos jornais, como um artigo de opinião ou uma tabela com os resultados de um campeonato de futebol, chame a atenção dos alunos para a variedade de informações que se pode encontrar num jornal e como são escritas de forma diferente.



Envolvimento – Ao receber uma matéria trazida por um aluno para ser lida na classe, pergunte os motivos pelos quais a selecionou, prepare a leitura que fará à turma, peça que a criança que a trouxe faça a apresentação e conte ao grupo porque o escolheu, em que jornal foi publicada, em que dia etc.

Aprendizagem esperada

Espera-se que o aluno:

- Ouça e compreenda leituras em voz alta, feitas pelo professor, a respeito de diferentes textos que compõem o jornal – crônicas, notícias, reportagens, entrevistas, editoriais, artigos de opinião, resenhas de livros etc.
- Manifeste sua opinião e considere a dos colegas durante as discussões feitas a partir da leitura de matérias de jornal.
- Reconheça as imagens, os gráficos e os esquemas que acompanham os textos jornalísticos como fontes de informação.
- Estabeleça relações entre diversas matérias sobre um mesmo assunto.
- Ajuste a modalidade de leitura ao gênero textual/suporte: antecipar o conteúdo do texto que vai ler por meio de manchetes, imagens, legendas e índice; saltar informações que lhe interesse; localizar informações a partir do conhecimento que tem sobre a organização gráfica do jornal.
- Use a escrita para comunicar algo de que goste, como indicações literárias, passeios, programas para o fim de semana, entre outros, ou noticiar algum fato de importância para a comunidade escolar.

Bibliografia

Dicionário de Comunicação, de Gustavo Barbosa e Carlos Alberto Rabaça. São Paulo: Editora Ática.

Escrever e Ler, Luiz Marun Curto, Maribel Ministral Morillo e Manuel Miralles Teixido. Porto Alegre: Artmed Editora.

O Jornal na Sala de Aula, Maria Alice de Oliveira Faria. São Paulo: Editora Contexto.

“Jornal na Sala de Aula – Leitura e Assunto Novo todo Dia”. In: *Revista Nova Escola*, Setembro de 2004.

